



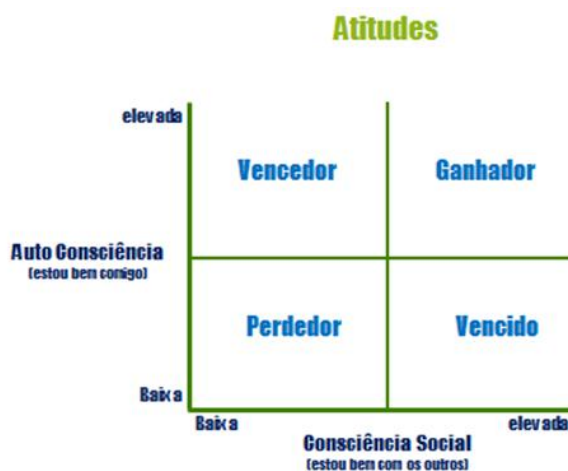
José Bancaleiro
Managing Partner da Stanton Chase international

“Ganhador ou Vencedor”

Por muito centrado em si que uma pessoa seja, a verdade é que só sente verdadeiramente realizado na sua relação com os outros, relação essa que assume, essencialmente, duas formas: A intimidade ou consciência de si, que sendo baseada na racionalidade e nas emoções traduz a forma como nós vemos e aceitamos a nos próprios e se revela através de competências como a autoconsciência emocional, a autoavaliação e a autoconfiança. A sociabilidade ou consciência social, construída através do longo e permanente processo de sociabilização que é a vida, traduz-se na forma como vemos, aceitamos e nos relacionamos com os outros e se revela através de competências como a consciência organizacional, a empatia e o espírito de serviço.

Por outro lado, acredito que todo o ser humano é dotado duma consciência moral que lhe permite, nas relações com os outros, distinguir sobre o que é certo ou errado. Esta escolha fundamenta-se num conjunto de valores e padrões (a que chamamos ética) com base nos quais, cada um de nós, orienta o essencial das suas decisões e dos seus comportamentos.

Uma das formas mais conseguidas de explicar a nossa relação com os outros é a que, partindo dos ensinamentos do Psiquiatra Canadano Eric Berne, traduz as nossas posições existenciais e as crenças básicas sobre nós e sobre os outros. Partindo dum vector de auto relacionamento (estar bem connosco) cruzado com outro que avalia o nosso relacionamento com os outros (estar bem com outros) é possível criar 4 formas típicas de actuar no nosso relacionamento social



José Bancaleiro, Set. 12

- **Vencedor** – Estou bem comigo, mas não respeito os outros. São relações marcadas pelo domínio duma das partes e pela defesa intransigente dos próprios interesses à custa do atropelo dos direitos legítimos dos outros. Quando há um vencedor, há um vencido, que, em regra, fica ressentido, o que torna estas relações ineficazes;
- **Vencido** – Desvalorizo-me a mim e sobrevalorizo os outros. São relações marcadas pela subserviência, em que uma das partes se anula em função da outra.
- **Perdedor** – Não gosto de mim, mas também não gosto dos outros. É assim uma espécie de angústia existencial misturada com o ódio universal. Todos perdem.
- **Ganhador** – Estou bem comigo e respeito e valorizo outros. São relações de “coopetição” em que ambos competem e cooperam dentro das regras e com lealdade. Ao procurar ganhar fazendo ganhar os outros estimula-se cada um a dar o melhor de si, o que torna estas relações muito eficazes.

Mas, como manter uma relação de tipo ganhador quando existe competição e apenas uma das partes pode receber o prémio? Não haverá nestes casos sempre um vencedor e um vencido? Na minha opinião não e é aqui que entra a ética. Quando a competição se dá com igualdade de oportunidades. Quando as regras são justas, claras, aplicadas com isenção e respeitadas por todos. Enfim, quando existe ética na competição estamos perante uma relação de tipo “ganhador”.

Quando, pelo contrário, um dos competidores parte com uma injustificada vantagem. Quando as regras não são claras ou favorecem uma das partes. Quando as regras não são aplicadas com isenção e / ou os resultados adulterados. Quando uma das partes quer “vencer” a qualquer custo. Enfim, quando não existe ética na competição, estamos perante uma relação de tipo “vencedor”. Neste enquadramento, vencer é ganhar sem ética. Ganhar é vencer com ética.

Contudo, a ética nas relações sociais é algo que todos afirmam ter, mesmo que perante situações concretas em que existe dissonância entre a atitude ética e a defesa do seu interesse imediato transijam. De facto, tenho assistido a casos de pessoas que propalam bem alto os seus valores éticos e depois não os aplicam, encontrando as mais diversas (habitualmente falsas) justificações para as suas decisões. Ou ainda casos de pessoas que, afirmando o seu absoluto rigor ético, convivem alegremente e se aproveitam de atitudes de falta de ética de outros, assobiando para o ar e fazendo conta que não as vêem.

Uma forma muito simples e eficaz de sabermos se estamos a ser éticos é fazer o teste de Blanchard & Peale. Perante uma situação concreta, pergunte a si mesmo: (i) É legal / Estou a cumprir as regras estabelecidas; (ii) É imparcial / Existe igualdade de oportunidades / Existe isenção; (iii) Vou ficar bem comigo / Vou ficar em paz com a minha consciência.

Em caso de dúvida. . . . Experimente. Mal não faz!

